

Gabinete do Arcebispo Primaz

HOMILIA

Ref. HML_09/2017

*Homilia na eucaristia
da Procissão dos Passos*

Guimarães, 02.abr.2017, 16h00

Tirai a pedra

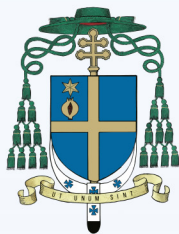
A Quaresma, como tempo de particular relevo para os cristãos, vai transfigurando a comunidade cristã. Pouco a pouco ela cresce em sabedoria e em espiritualidade. Torna-se capaz de perceber o amor de Cristo e de o plasmar em iniciativas concretas. É, porventura, este o sinal mais eloquente do seu crescimento.

O Evangelho de hoje deixa-nos duas frases paradigmáticas. Em primeiro lugar, o anúncio de uma certeza inequívoca, com valor para os interlocutores mais imediatos mas também para todos os que se abrem à experiência cristã.

1. “Vede como era seu amigo”, certeza aplicada a Lázaro mas com eco para todos nós. Por vezes pensamos num cristianismo pesado, cheio de obrigações e preceitos, que impõe normas e condiciona a liberdade. Urge converter-se e acolher uma certeza que marca a vida de todos. Cristo é meu amigo, dedica-me uma estima pessoal e acompanha o meu caminhar. **Contemplar** os conteúdos importantes desse amor concreto e personalizado é uma fonte inesgotável para a nossa espiritualidade. Ele ama-me como ninguém. **Agradecer** em atitude de louvor e ao jeito de Maria, que exulta de alegria pelas maravilhas que Deus nela operou, através de uma vida com marcas de íntima oração. Algo apenas comparável à relação amorosa de duas pessoas que se querem bem. O nosso cristianismo está, infelizmente, muito longe desta dimensão festiva do amor de Deus. Pensamos Nele ocasionalmente e apenas para lhe pedir algo em nosso benefício. Quando se ama, ama-se porque se deseja uma doação desinteressada e de profunda confiança. A criança sente-se no colo da mãe como um abrigo de serenidade e de paz.

O cristão tem de redescobrir uma relação com Deus mais pura, mais íntima, mais confiante, mais personalizada. Neste itinerário quaresmal, permitamos que esta verdade nos envolva e deixemo-nos possuir por esta presença terna e amorosa de Deus. Coloquemos de lado qualquer outra ideia sobre Deus. Ele está sempre do nosso lado. Não nos fixemos noutras realidades que deturpam as relações e intimidam, retirando alegria festiva que tudo nos pode proporcionar. A isto chamamos “fé contemplada”.

2. Este amor de índole contemplativa também se estende aos outros, tornando-nos visibilidade de Cristo. Experimentando o seu amor, mostramos que somos intérpretes daquilo que Ele gostaria de realizar aqui e agora. Nesta perspectiva, compreendemos a frase do Evangelho deste dia. **“Tirai a pedra”,** ordenou Jesus. Hoje, as pedras que pesam sobre os ombros de muitas pessoas são



efectivamente muito incómodas e pesadas. Urge retirar essas pedras na lógica de percursos da missão de Cristo.

Os passos de Jesus não são cómodos nem fáceis. O Seu caminho, assim como o caminho que os homens percorrem, está repleto de pedras que, em seu nome e como seus discípulos, devemos retirar. Importa retirar a pedra da violência doméstica que nos impressiona, ainda mais, tendo em conta que vivemos num ambiente cristão e numa sociedade evoluída. É um pesadelo ver que certos casos atingem o extremo da morte. Parece impossível mas a verdade é que as situações multiplicam-se. Temos de estar atentos para nos apercebermos que a vida de familiares e amigos pode necessitar da nossa solicitude e palavra reconciliadora. Muito poderá ser feito com um pouco mais de atenção.

O **desemprego** continua a ser uma pedra difícil de remover. A sociedade pede oportunidades de trabalho, é certo, mas alguma coisa poderá ser realizada pelos próprios ou pelos amigos. Não vale a lógica do “o outro que se arranje”. Ajudar pode ser a solução.

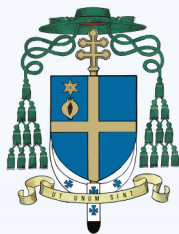
Vejo a pedra dos **desentendimentos familiares** que, acumulados, se tornam insuportáveis até atingirem a ruptura do divórcio. Importa não acumular e encontrar amigos que ajudem a resolver os problemas e a recuperar a alegria do convívio e do encontro. Quantos divórcios poderiam ser evitados com um pouco mais de amor procurado e oferecido?

Urge retirar a pedra da **pobreza**, envergonhada ou patente, que continua a incomodar muitas pessoas e famílias. Detemo-nos em considerações sobre a economia do país e perdemo-nos em discussões sobre as situações de poucos que acumulam riquezas com rendimentos e ordenados que nos escandalizam. Isto quando são muitos os que não usufruem de rendimento de inserção social, vivem com reformas de expressões muito reduzidas, lidam com dificuldade com os mínimos para uma vida digna. A pobreza campeia e torna-se uma pedra que urge retirar, não com palavras politicamente correctas mas com reformas que transformem esta realidade.

Por muito que já se tenha falado, nunca nos poderemos calar perante os seres humanos que não vêem a luz do dia. A facilidade com que o **aborto** prolifera e se desculpa em consciências que não se incomodam com a gravidade dos factos, continuará a ser uma pedra que deveríamos retirar do contexto da nossa sociedade. Para muitos poderá parecer um sinal de uma sociedade evoluída que defende os direitos das mulheres. Quando há a coragem para pensar, verificamos que Portugal necessitaria antes de uma legislação que defendesse o direito a nascer e a viver.

Se as pedras são encontradas nos caminhos de muitas pessoas, os nossos idosos, por muito que se tenha evoluído, continuam a encontrar dificuldades no seu caminhar para uma morte digna. Nem todos têm acesso aos cuidados continuados, levando a pensar que só a **eutanásia** poderá resolver as suas inquietações e sofrimentos. A eutanásia nunca é solução e importa fazer tudo para que não manche o nosso sistema jurídico.

A juventude tem, do mesmo modo, várias pedras no caminho. Já não se consideram os valores com sentido de perenidade e apenas se estimula o **relativismo**. A educação não pode estar aprisionada a motivações ideológicas que não oferecem condições de liberdade.



Se olho para dentro da Igreja, não posso deixar de ver pedras no caminho que impedem uma renovação pastoral a partir de uma conversão pessoal. O **comodismo e a ausência de um sentido de pertença** à comunidade impedem-nos de saborear uma Igreja fiel ao espírito e atenta às necessidades do povo de Deus. Fechamos os olhos e permitimos que a sociedade corra a um ritmo vertiginoso sem a nossa presença que tenta apontar caminhos novos. Como era bom que muitos cristãos ousassem pensar nas pedras que encontramos no caminho da Igreja e das comunidades eclesiais. Queremos um novo paradigma para uma pastoral evangélica mas os escombros são muitos, levantados tanto pelos cidadãos como criados dentro das comunidades.

Durante a Procissão dos Passos não façamos uma simples caminhada a ritmo lento. Aproveitemos a graça para reconhecer que Cristo é o amigo de que precisamos e que Ele nos ordena que retiremos as pedras matam. Saiamos em atitude de luta e de trabalho, com a companhia de Cristo e de Maria. Ela que nunca se resignou e, pelo contrário, participou activamente como verdadeira discípula, percorrendo os mesmos caminhos do Filho. Sejam felizes porque acreditamos, mas saibamos que acreditar é tornar-se cúmplice de uma sociedade onde o humanismo cristão está patente porque vamos, quotidianamente, retirando as pedras que muitos colocam no nosso caminho.

Um dos momentos mais emocionantes desta Procissão dos Passos é o encontro de Jesus com Maria. Maria podia fugir a este encontro. Ficava em casa sofrendo à distância. Mas, à imagem do encontro com Isabel, quis ir ao encontro de Cristo no Calvário. Hoje não basta contemplar de longe os passos dolorosos de Jesus. Temos de sair e ir para as periferias existenciais. Aí está uma casa de Maria que temos de nos habituar a visitar. Onde o sofrimento acontece, esse é o lugar onde devemos estar presentes e levar os sinais do Ressuscitado.

† Jorge Ortiga, *Arcebispo Primaz*